

# **MARISCAGEM, EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ACADEMIA-MANGUE: experimentações cosmopolíticas de um mundo a compartilhar**

**Michele de Freitas Faria de Vasconcelos<sup>1</sup>**

**Lívia de Rezende Cardoso<sup>2</sup>**

**Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto<sup>3</sup>**

## **RESUMO**

Esta escrita compõe-se por meio de itinerâncias político-clínicas na extensão-pesquisa-educação de três professoras universitárias no Observatório Popular de Violências, pela Vida de Mulheres de Comunidades Tradicionais de Sergipe. Mulheres, assim como as águas e os manguezais, são linha de frente desses tempos de mutação climática, tendo seus corpos expropriados na (re)patriarcalização e privatização dos territórios. Elas vivem na iminência do sempre e cada vez mais próximo desastre-crime socioambiental. No entremeio da universidade situada e do ativismo das raízes, das águas e das margens, vislumbramos neste artigo reposicionar concepções de extensão acadêmica e de produção de conhecimento com mulheres das águas, dos campos e das florestas, especialmente mulheres marisqueiras de Sergipe. Assim, propomos um exercício de reflexão acerca de nossas práticas político-científicas pela habitação compartilhada de uma academia-mangue. Mariscamos uma academia, delineando terrenos de vida, escavacando um mundo acadêmico habitável e respirável pela partilha de fazeres e saberes com o Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS).

**Palavras-chave:** extensão universitária; mulheres; mutação climática; feminismo; cosmopolítica.

## **SHELLFISH PICKING, UNIVERSITY EXTENSION AND MANGROVE ACADEMY: cosmopolitical experiments of a world to share**

### **ABSTRACT**

This writing is made up of political-clinical itineraries in the extension-research-education of three university professors at the Violences Observatory, for the Life of Women from Traditional Communities. Women, like waters and mangroves, are the front line in these times of climate change, having their bodies expropriated in the (re)patriarchalization and privatization of territories. They live on the imminence of the ever closer socio-environmental disaster-crime. In the midst of the university located and the activism of the roots, the waters and the margins, we envision in this article repositioning conceptions of academic extension and knowledge production with women from the waters, fields and forests, especially women shellfish gatherers from Sergipe. Thus, we propose an exercise of reflection about our political-scientific practices through shared housing in a mangrove academy. We shellfish an academy, outlining areas of life,

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisadora-extensionista do Observatório Popular de violências pela Vida de mulheres de comunidades tradicionais de Sergipe e da Clínica Feminista Antirracista Interseccional da UFRGS.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Biologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Coordenadora acadêmica do Observatório Popular de violências pela Vida de mulheres de comunidades tradicionais de Sergipe.

<sup>3</sup> Pesquisadora Itinerante no Observatório Popular de violências, pela Vida de mulheres de comunidades tradicionais de Sergipe (UFS), junto ao Movimento de Marisqueiras de Sergipe no Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras (PEAC), estágio de pós-doutorado (PPGSI), com bolsa financiada pela FAPES/UFES.

excavating a livable and breathable academic world by sharing practices and knowledge with the Shellfish gatherers woman's movement.

**Keywords:** university extension; women; climate change; feminism; cosmopolitics.

## **Lutar, Cuidar, Conhecer, Compartilhar, Criar**

*- Não é possível viver em um mundo que nos impõe as coisas.  
- É preciso criar um mundo onde caibam muitos mundos.  
- A gente pode dialogar mais de perto quando a gente tem uma ferramenta como o Observatório, fica mais fácil, é a união de mulheres para defender mulheres. É mais uma janela que se abre em combate aos diversos tipos de violências enfrentadas pelas mulheres.*

Iniciamos o artigo com um trecho de conversa<sup>4</sup> entre uma mulher mapuche da região de Wallmapu<sup>5</sup> e duas marisqueiras sergipanas, na ocasião da instalação do Observatório Popular de Violências, pela vida das Mulheres de Povos e Comunidades Tradicionais de Sergipe (OPopVida), no final de novembro de 2019. O OPopVida germinou-se fazendo rede entre marisqueiras e mulheres mapuche; entre o Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS) e outros movimentos sociais como o Movimento das Catadoras de Mangaba, mulheres do Movimento sem Terra, Movimento de Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR), mulheres do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), da Articulação Popular São Francisco Vivo, Fórum de Mulheres de Sergipe, Coletivo de Mulheres de terreiro Erukerê, Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Sergipe (FETASE), Marcha Mundial de Mulheres, mulheres do Fórum de Comunidades Tradicionais – Angra, Paraty e Ubatuba, do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina; entre marisqueiras, pesquisadoras e estudantes universitárias de graduação e pós-graduação de diferentes áreas de saberes científicos.

De sua instalação para cá, passaram-se quase cinco anos, o OPopVida vem tomando força e forma como um espaço de entremeio, de característica “mangal”, no sentido de, assim como o mangue, ser margem embrionária pela desembocadura acadêmico-popular, político-clínica, extensão-pesquisa, ciência-ancestralidade; ser trama

---

<sup>4</sup> Retirado de diário de campo.

<sup>5</sup> Em Mapudungun, *wall mapu*, significa “a terra ao redor”, nome dado por indígenas Mapuche a territórios que hoje são conhecidos como Araucanía, como a região passou a ser definida pela colonização eurocêntrica, abrangendo parte do Chile e Argentina.

“radical radicular” (Didi-Huberman; Benevides, 2020) de raízes profundas e insurgentes ligadas à vida que pulsa com as mulheres em suas comunidades tradicionais, em seus territórios vivos. Um espaço de luta socioambiental entre mulheres tramado com e por meio do Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS). Um caldo alquímico de fazeres e saberes de mundos divergentes e ao mesmo tempo emaranhados em diálogo respeitoso entre movimentos sociais e coletivos organizados de mulheres, entre mulheres de comunidades tradicionais e mulheres na academia para enfrentamentos às violências na luta pelos (nossos) corpos-territórios de vida. Espaço de luta que se verte em cuidado comunitário. Espaço de luta e de cuidado que se fortalece pelo escambo entre saberes concretos de resistência que aproximam conhecimento e criação coletiva. Espaço de produção de conhecimento colaborativo.

Num momento em que assistimos desoladas a uma atuação política com vistas não à constituição, mas ao rompimento de qualquer possibilidade de mundo compartilhado, tomamos o OPopVida como espaço de experimentação cosmopolítica e de cultivo de um território comum: “uma política de fazer mundos, [...] preocupada com os processos pelos quais um mundo se realiza ou é tornado existente” (Blaser, 2018, p. 23). Uma política de fazer comuns, mantendo-se a divergência. Isso é urgente, pois o fim do mundo já chegou faz tempo, não só para os povos originários. O apocalipse já aconteceu e a modernidade com a promessa de progresso desenvolvimentista não nos salvou (Latour, 2020a, 2020b). Nesses tempos, desaprendemos com o manguezal; da putrefação, pode-se germinar.

Uma regra de prudência: múltiplas formas de fazer mundos podem até coexistir, mas o que usualmente se dá é uma interrupção, uma exclusão, uma hierarquização, uma invisibilização, uma sobrecodificação, uma terraplanagem. Do arauto dos saberes científicos, corremos sempre este risco: o de exotificar, o de diminuir, o de não levar a sério, o de falar sobre e não com; o de falar para e nada escutar. Quando não é possível singularizar as multiplicidades que estão em questão, a composição de um mundo comum segue sendo apagamento de alguns muitos. Com o OPopVida, ensejamos, no próprio interior da máquina hierarquizante e excludente de saberes e mundos, experimentar um modo de reparação pela manutenção do incomum dos mundos (Blaser, 2018).

Nossa guiança sempre foi a força bombeadora dos sonhos sonhados com os pés fincados na terra do cacique Serigy<sup>6</sup>: “talvez não seja preciso fazer tanta agenda, a gente

---

<sup>6</sup> Do tupi, “água de siri”, seu povo vivia entre os rios hoje conhecidos como Vaza-Barris e Sergipe, resistindo bravamente, ao longo de três décadas, às invasões portuguesas.

só precisa pôr a cabeça na altura do coração. [...] Pensar com o coração que mundos queremos compartilhar” (Krenak, 2023, p. 71) e com quem queremos compartilhá-lo. E foi com o coração pulsando junto à demanda de mulheres de nossa gente num ponto um pouco mais alto do que nossas cabeças acadêmicas, que ações extensionistas constituíram-se em focos de abertura para experimentações cosmopolíticas, desaguando naquele *Observatório das Mulheres*, como tem sido apelidado pelas marisqueiras.

Estamos a experimentar “uma nova *libido sciendi* fundamental tanto para reorientação quanto para reinvenção dos afetos políticos” (Latour, 2020a, p. 82). Estamos a tramar uma ciência, uma política e um cuidado feministas, diríamos (Vasconcelos; Lazarotto; Paulon; Oliveira, 2022). Na intenção de adiar o fim do mundo (Krenak, 2019), mas também a destruição das universidades públicas, das políticas públicas, do SUS, dos modos de cuidado comunitários, outras sensibilidades e curiosidades vão encontrando terrenos de vida mais férteis, desejosas por acompanhar as mutações sociais-ambientais-existenciais-afetivas em curso.

### **(Não) está vendo? Todo e qualquer chão está a craquelar...**

*Está tudo acabando. Sonho em ver a natureza fluir. Infelizmente está tudo acabando. Hoje a gente não pode mais correr livremente, pescar livremente como a gente fazia*<sup>7</sup>.

O chão está a ruir, a ceder. Sob o solo do extrativismo e das privatizações, da propriedade privada, dos monopólios e da monocultura da terra, dos modos de vida e das formas de produzir conhecimento, “um outro território começou a se agitar, a tremer, a se comover” (Latour, 2020a, p. 27). Estamos sob a “intrusão de Gaia” (Stengers, 2023) como agente político, sob o retorno da Terra sobre si mesma, sua restituição, sua retomada<sup>8</sup>. O Terrestre, novo ator-político, deixa de ser o cenário ou pano de fundo das ações humanas. Ele apresenta sem tréguas sua potência de agir, uma geopolítica. “Como se o cenário tivesse subido ao palco para compartilhar a trama com os atores. A partir desse momento, tudo muda no modo de contar histórias” (Latour, 2020b, p. 18).

---

<sup>7</sup> Parte da fala de uma marisqueira num encontro *online* entre grupos de mulheres acompanhadas por dois projetos de pesquisa e extensão: Observatório Popular de violências, pela Vida das mulheres de comunidades tradicionais de Sergipe (OPopVida/UFS) e Clínica Feminista Antirracista na perspectiva Interseccional (CLIFAI/UFRGS).

<sup>8</sup> Como diria Isabelle Stengers (2023), inspirada nos movimentos indígenas e nas bruxas e ativistas neopagãs, especialmente na bruxa Starhawak.

Da seca persistente a craquelar o chão da vida sertaneja aos crimes socioambientais do rompimento da barragem de Brumadinho em janeiro de 2019 e do derramamento de petróleo nas águas do litoral brasileiro, especialmente o nordestino, entre agosto e novembro de 2019; da pandemia de coronavírus (Covid-19) de 2020 até 2023 à maior enchente da história do Rio Grande do Sul em maio de 2024, o que está a acontecer? Aqui, ali e acolá vamos sentindo, não mais tão devagar assim, os efeitos das transformações em curso do regime termodinâmico da Terra. “Gaia estraga festas” (Latour, 2022) sobe ao palco face à catastrófica intrusão humana tornada força geofísica capaz de desestabilizar as condições-limite da vida no/do planeta.

A coisa não para toda manhã começa tudo de novo. Um dia, é o aumento do nível da água; outro, a erosão do solo; à noite, o aparecimento de novas áreas de desertificação. Somos informadas, assim, como se não fosse nada, que milhares de espécies estão prestes a desaparecer, algumas muitas antes mesmo de terem sido identificadas. Todo mês as medições de CO<sub>2</sub> mostram-se ainda piores que as estatísticas de desemprego. Todo ano, nos dizem, e sentimos na pele, que este é o mais quente. O nível do mar só faz subir, o litoral do nosso sergipinho, abaixo do nível do mar, irá se inundar. Ei, você sabia que mais de 60% dos municípios sergipanos estão suscetíveis à desertificação, grande parte pelo desmatamento; que Sergipe só tem 20% da vegetação nativa, o estado de pior proporção de preservação ambiental do país? (Farias, 2024). Sabia disso? Regiões de caatinga se convertendo em regiões de deserto. Já se sabe da alteração do padrão de vegetação e clima no Brasil. Também se sabe que os países de clima tropical são os que serão mais profundamente afetados<sup>9</sup>, o que se agrava infinitamente pelas extremas desigualdades sociais, pela pobreza social condicionada a um país de periferia do sistema.

Enquanto a civilização colonial-moderna da ordem e do progresso acelera seu desenvolvimento por meio da extração sem limites de recursos ‘naturais’, o que ela ‘não sente’ – tomada por uma espécie de onda, melhor dizer, de um tsunami negacionista – é que essas transformações são fruto de suas próprias ações desenvolvimentistas, que as causas dos tantos anúncios do fim do mundo são antrópicas. “As pessoas não se dão conta propriamente de que a questão do negacionismo climático organiza toda a política do tempo presente” (Latour, 2020a, p. 35). A negação da existência da mutação climática em curso, ou seja, da mudança das relações entre humanos e suas condições materiais de

---

<sup>9</sup> Ver mais em *Tempero Drag, Rita em 5 minutos*, episódio Colapso da Terra: [COLAPSO DA TERRA](https://www.youtube.com/watch?v=COLAPSO DA TERRA)  [#Ritaem5Minutos #14](https://www.youtube.com/watch?v=COLAPSO DA TERRA) (youtube.com).

existência é sintoma do (nosso) tempo e, nele, da atuação “de uma ‘política da pós-política’, pois praticada com vistas não mais a constituir um mundo comum, mas a dissolvê-lo” (Costa, 2020, p. 135).

“Tudo ocorre como se uma parte importante das classes dirigentes [...] tivesse chegado à conclusão de que não há mais lugar suficiente na terra para elas e para o resto dos habitantes. [...] não pretendem mais liderar, mas se refugiar fora do mundo” (Latour, 2020a, p. 10). Dando-se conta de que não há planeta compatível com a globalização, os planos de modernização e as expectativas de desenvolvimento decidem fácil assim: negar as mudanças climático-existenciais até o fim e “quem vai arcar com esse prejuízo *são os outros*, não nós [...]. As elites se convenceram tão bem de que não haveria futuro para todos que decidiram *se livrar o mais rápido possível de todos os fardos da solidariedade*” (Latour, 2020a, p. 28). Fugiram para fora do mundo comum, rejeitando a mudança climática, negando a ameaça que motivou tal fuga.

Você (não) está vendo? “O solo tão sonhado da globalização está desaparecendo” (Latour, 2020a, p. 14). O tão almejado melhor dos mundos, a cada dia que passa, torna-se o pior deles: logo ali adiante, não mais teremos mundo, quiçá compartilhado. Essa perda de si e de mundo é agravada pela negação, por fechar os olhos para as advertências Terrestres gradativas e ininterruptas, pela produção ilimitadamente financiada da (des)informação. É ‘fato’: “Não existe mais o ideal de mundo compartilhado” (Latour, 2020a, p. 12). Dá para ‘comprovar’ pela desenfreada desregulamentação mercadológica-estatal, pela nova atração pelas fronteiras<sup>10</sup>, pela violenta exacerbação das desigualdades, pela homogeneização socioambiental em nome da globalização, pelas migrações abrangentes de viventes, humanos e mais que humanos<sup>11</sup>. Tudo isso é sintoma desse tempo das catástrofes que Isabelle Stengers (2023, p. 153) chama de “tempo da barbárie”.

Tal sintoma-pássaro (Guattari; Rolnik, 1996), de tanto bater insistentemente seu bico no vidro de nossas janelas, agora as estilhaçaram, voando casa adentro a bicar desesperadamente nossas cabeças, indicando a urgência de acordarmos da ‘religião moderna’ a nos prometer um futuro promissor e confortável. Acorda em tempo, pois não haverá um futuro, muito menos promissor, menos ainda confortável; é só uma promessa,

---

<sup>10</sup> Mas o “novo regime climático vem há anos varrendo todas as fronteiras e nos expondo aos quatro ventos [...] migrações sem forma e sem nação que chamamos de clima, erosão, poluição, esgotamento de recursos, destruição dos habitats. Mesmo bloqueando as fronteiras aos refugiados humanos, nunca será possível impedir a passagem desses outros” (Latour, 2020, p. 19).

<sup>11</sup> Mais que humanos, como indígenas tendem a denominar (a agência das) águas, dos ventos, dos animais, da flora, da Terra (Krenak, 2023). La Cadena (2024), por sua vez, chama de outros que humanos.

acorda! As elites já o fizeram e “decidiram que seria inútil fingir que a história continuaria conduzindo a um horizonte comum, em que ‘todos os homens’ poderiam prosperar igualmente” (Latour, 2020a, p. 10). As bicadas latejam-convidam a desacelerarmos, pensarmos, sentirmos, imaginarmos a necessidade de fazer frente a esse tempo da barbárie, a ensaiarmos pequenos gestos que façam arder esse real antes que as queimadas reais e criminosas não nos deixem solo para qualquer resistência. Por que ardor você quer ser tomada/o?

Se deixarmos os pássaros-sintoma pousarem sobre nossas cabeças, talvez nossa imaginação possa adquirir uma consistência suficiente para provocar aqui e ali pequenas viradas na situação (Guattari; Rolnik, 1996), pequenos grandiosos “gestos barreira” (Latour, 2020a, p. 131), pequenos “pontos de vida” (Latour, 2020a, p. 107) maneiras localizadas de “descrever, disputar e negociar nosso pertencimento a um solo” (Costa, 2020, p. 156). Diante da perda de orientação comum, uma pergunta parece importante: povos da modernização, ou como diria Davi Kopenawa (2020), “povos da mercadoria”, para que *mundo* a ordem, o progresso e o desenvolvimento estão lhes(nos) levando? Diante da perda de orientação comum, dessa pergunta desdobra-se outra: em que *mundo* queremos aterrar, com quem desejamos compartilhá-lo? Do que somos capazes? Com quem estamos dispostas a coabitar?

As bicadas de Gaia apresentam o Terrestre, alinhavando, literalmente, um outro mundo, diferente tanto do que costumamos entender como ‘natureza’ quanto do que habitamos a chamar de ‘mundo humano’ ou ‘sociedade’ ou ainda ‘cultura’. É que o Terrestre parece nos orientar levando em conta uma nova materialidade, um novo materialismo, “uma metamorfose da própria definição da matéria, do mundo, da terra (Latour, 2020a, p. 75). Já parou para pensar que “a ‘religião secular’ do mercado *não é deste mundo*. Seu materialismo é um idealismo que a mutação climática tornou ainda mais imaterial” (Latour, 2020a, p. 107-108): não há mundo, não há matéria que sustente o projeto moderno de desenvolvimento ainda em curso. Mas, ainda bem, sob a matéria, há outros materiais que não apenas os sociais. Circunscritos a um “sistema de produção, os humanos são os únicos que podem se revoltar – sempre tarde demais; inseridos num sistema de geração, *muitos outros clamores* podem se fazer ouvir – antes da catástrofe. Os *pontos de vida*, e não apenas os pontos de vista, multiplicam-se” (Latour, 2020a, p. 107).

Do ponto de vida Terrestre, não somos mais humanos na natureza, “nós somos terrestres em meio a outros terrestres” (Latour, 2020a, p. 105). Entendendo-nos dessa

maneira, as lutas sociais são, ou pelo menos deveriam ser, desde sempre, lutas ambientais, ou melhor, lutas socioambientais. “Desigualdades sociais e devastação ambiental precisariam constituir uma única e mesma luta” (Latour, 2020a, p. 139). Mas, a invenção moderna da dicotomia natureza e cultura, ambiente e organismo, embaraçada ao reino da economização, não parece ajudar a cultivar tais pontos de vida, a germinar solos a compartilhar. “Foi a confiança em uma certa concepção da ‘natureza’ que autorizou os Modernos a ocuparem a Terra de tal maneira que impediu outros de habitarem de modo diferente seu próprio território” (Latour, 2020a, p. 79). Esse modo de relacionar-se com o que se costuma denominar de natureza – em oposição dicotomizada à cultura, ao Homem –, para domá-la (águas, mulheres, indígenas, negras, crianças, loucas), objetivando-a, inaugura o mito do progresso no mundo utilitário (Grün, 2007). A partir do “otimismo tecnológico”, funda-se a ideia de que a ciência forma “dominadores da natureza” (Japiassu, 2007, p. 111).

As universidades, produtoras de conhecimento para domar e dominar a natureza e tocar o desenvolvimento, proliferam engenharias de alimentos cada vez mais industrializados, ultraprocessados e transgênicos, ensinam a carcinicultura – viveiros de camarões instalados em meio ao desmatamento de mangue e envenenamento das águas –, a pesca de larga escala, as tecnologias dos agro e hidronegócios; barram as possibilidades de confluência de saberes porque “são fábricas de transformar os saberes em mercadoria” (Bispo, 2023, p. 65).

“Não se pode fazer aliança entre atores políticos e objetos, quando eles são considerados exteriores à sociedade e desprovidos de potência de agir” (Latour, 2020a, p. 80), sejam as águas, a terra, outros povos que não os da mercadoria (Kopenawa, 2020), as cosmologias indígenas e africanas, tudo isso tomado à força como objeto-recurso, inclusive de pesquisa, matéria-morta ou matável, um dado estático utilizado em favor da marcha do progresso. Isso tudo é um grande perigo:

[...] que as ciências sejam entendidas como aliadas intrínsecas do empreendimento de dominação e extração, cujas consequências ameaçam agora todos os viventes da Terra. É preciso, portanto, agir em duas frentes: resistir àqueles que desejam retornar a um passado em que se respeitava a ciência e àqueles que negam a possibilidade de um devir da ciência, capaz de torná-la aliada na luta por um futuro digno de ser vivido (Stengers, 2023, p. 11).

Se tomamos o “mundo comum como resultado possível, em vez de ponto de partida” (Blaser, 2018, p. 18), mantemos “aberta a pergunta a respeito de quem e o que

pode compor o mundo comum” da ciência. Por meio das ações extensionistas, entendendo o OPopVida como terreno de vida comum entre academia e mangue, nesse espaço-rede, a maré marisqueira invade a cidade universitária, arrastando-a até o mar. Começa-se a mariscar saberes científicos. Desde a universidade, sentimos o abismo entre nossas formas de produzir e veicular conhecimento e a vida ‘ordinária’ das pessoas, mas desaprendemos com a marisqueira Geonísia, nossa Nice: ela diz que sua pele é mangue, tem seu cheiro. Com ela, aprendemos a desejar que nossos conhecimentos acadêmicos também se encharquem de vida e tenham o cheiro salgado da nossa gente, das nossas águas, da nossa terra entrecruzada por tantos rios.

No sentido de ensaiar um devir-ciência, ainda com Stengers (2023), nos perguntamos: como nos tornar pesquisadoras-extensionistas capazes de escutar aquelas, humanas e mais-outras-que-humanas que aprendemos a desqualificar, por julgarmos não entenderem nada de ciência? “Muito provavelmente tem uma floresta, uma montanha, então tem tanta vida gritando ao seu redor. Escuta essa vida, dialoga com ela, estabelece relação com ela” (Krenak, 2020, p. 26). Escutando os rumores das águas sergipanas, afagando-as, tentando conhecer seus desejos, encontramos o mangue e as marisqueiras, com ele e elas nos envolvemos.

### **O mangue, esse ser-terra-água**

As raízes dos manguezais sergipanos foram nossos intercessores; o mangue, esse ser-terra-água<sup>12</sup> nos ensinou a olhar. Olhando para o mangue e para um modo de vida de mulheres em destruição, parece que não podemos fazer outra coisa senão adiar, mesmo que por um segundo, a (nossa) catástrofe, a catástrofe em que nos tornamos; arrastar nosso próprio fim, postergá-lo criando outras imagens de nós mesmas. Andando na corda bamba do fim, é preciso olhar com atenção para onde pisamos e o que nos pisa, o que olhamos e o que nos olha (Didi-Huberman; Benevides, 2020; Krenak, 2019).

Como não olhamos antes para o mangue, se ele está, ainda, ali, aqui entre nós? Os manguezais sergipanos insistem, em meio às investidas capitalistas e desenvolvimentistas do mangue virando cidade, de jardins de concreto reiteradamente aterrando-o, de esgotos

---

<sup>12</sup> Inspirando-nos na concepção dos “seres-terra” como indicado por Marisol De La Cadena (2024) na escuta a Mariano e Nazario Turpo, pai e filho, ambos *yachaq* – conhecedor em quíchua – indígenas que viveram em Pacchanta, “vilarejo que consta nos registros estatais como uma ‘comunidade campesina’ [...] que fica na cordilheira de Ausangate” no Peru (De La Cadena, 2024, p. 24).

poluindo-o. O mangue resiste. O mangue peleja em germinar outros modos de vida, berço e cova de existências, no seu movimento singular de prolongar e persistir, cortar e bifurcar. “O mangue é fundamentalmente radical e sua radicalidade é aérea, sujeita às intempéries. [...] berço e cova no seu elevar e voltar ao solo, raízes incrustadas de outros seres. Pura composição, à vista de todos” (Didi-Huberman; Benevides, 2020, s/n).

Essas raízes vêm a nós, surgem da terra e afundam na terra diante de nossos olhos, brincam com nossas maneiras de viver que se querem puras, sem composição, homogêneas, demasiadamente limpas, assépticas, humanas, controladoras da natureza, inclusive a nossa natureza radical radicular, viva, brincante, monstruosa. Tentamos isolar nossas raízes, mas elas sempre produzem, ainda bem, inúmeras bifurcações. Sua radicalidade está sob nossos olhos, em volta de nós, e não no céu das ideias tampouco no fundo das coisas; elas aparecem e brincam com nossos desejos de fixar, de fixá-las. Olhando para as raízes do mangue, podemos, quem sabe, modificar nossas maneiras de olhar, de produzir conhecimentos, produzir si e mundos. Ramificar as formas de ser e fazer, a escapular das bordas de condições limitantes, a dar corpo e língua a formas femininas, feministas e nordestinas de fazer política, ciência e cuidado.

Os manguezais insistem e nós insistimos em trabalhar com raízes, mas tentando buscar a prudência de não confundir “ancestral” e “tradicional” com alguma ambição fundamentalista, alguma obsessão com a origem; sem entender raiz como origem primeira e única, pois o que há é sempre uma coletânea de novos começos, “raízes trepadeiras dançantes” (Didi-Huberman; Benevides, 2020) que surgem sob nossos olhos, modificando radicalmente nossa maneira de olhar. Esses olhos também se ramificam, tecem políticas outras que não se contentam a prescrever modos de ver, modos de viver. O mangue nos ensina: suas origens são moventes, seu mapa é acêntrico. Mangue é berço de vidas em putrefação e em germinação, vidas em compartilhamento.

### **O futuro é tradicional?<sup>13</sup>**

*Quando meu corpo não mais aguentar estar nesse mangue, são elas  
que vão continuar.*

*Eu quero ser um marisqueiro. Eu vou estudar veterinária para curar  
os bichos do povoado porque sofrem muito. Quero ser bombeiro e  
salvar as pessoas e os animais no mangue.*

---

<sup>13</sup> Em referência ao livro de Ailton Krenak (2022) intitulado *O futuro é ancestral*.

Começamos esta seção com uma marisqueira referindo-se às crianças numa ciranda de mães e avós no seu território. O segundo trecho foi retirado da contação de crianças de diferentes partes da costa litorânea na primeira ciranda no V Encontro das Marisqueiras de Sergipe, que aconteceu em outubro de 2024. Era o momento da oficina de sonhos. Sonhos coletivos. Horizonte de partilha. Pertencimento. Defesa dos territórios.

“A ausência de um *mundo comum* a compartilhar está nos enlouquecendo” (Latour, 2020a, p. 10). Procurando outros modos de orientação, buscando por formas de aterrar, de confluir com as águas, parece fundamental fazer frente a essa história político-científica particular; sua concepção de ‘natureza’, por meio da qual se atribui exterioridade a outros terrestres tomados como objetos. Contrapor sua premissa de conhecer ‘de longe’, desde o exterior, do alto da posição superior do sujeito do conhecimento, esse sujeito da razão e do mundo moderno, como “único meio de apreender aquilo que conta como realidade” (Latour, 2020a, p. 88). Do ‘interior’ desse modo de orientação, desta ontoepistemologia, ver as coisas do interior passa a não ter valor, remetendo à tradição, ao íntimo, ao arcaico, ao não científico e, assim orientadas, fomos perdendo a sensibilidade à natureza-processo. “A perversidade do *front* da modernização é que, ao ridicularizar a noção de tradição como algo arcaico, tornou impossível qualquer forma de transmissão, de herança, de retomada, em suma, de geração” (Latour, 2020a, p. 106).

Por uma estranha perversão das metáforas de parto, *não mais depender* das antigas formas de gênese era o que permitiria finalmente “nascer para a modernidade”. Como as feministas demonstraram em suas análises dos julgamentos das bruxas, o ódio aos valores tradicionalmente associados às mulheres sairá dessa trágica metamorfose tornando grotesca toda forma de vínculo aos antigos solos. [...] A objetividade se tornou, assim, uma questão de gênero. [...] As últimas adesões à natureza-processo vão sendo erradicadas permanentemente. [...] “Iremos modernizar o planeta que está em processo de unificação...” (Latour, 2020a, p. 88-89).

O que está sendo tirado de nós diz respeito a nossos vínculos, nossos modos de vida; é uma questão de solo (Latour, 2020a). Mas, em que solo você quer (con)viver? “Meu papagaio das asas douradas/Quem tem namorada brinca/ Meu papagaio/Quem não tem brinca sem nada/Meu Papagaio/Meu papagaio não tem asas não tem bico/Em outras terras eu não fico/Meu papagaio/Minha terra é Sergipe<sup>14</sup>”. “*Meu sonho é passar num concurso público para não ter que sair do meu território, não perder o fio que a gente*

---

<sup>14</sup> Composição de Chiko Queiroga e Antônio Rogério.

tem dentro do povoado. *Saindo para trabalhar, ele pode se perder*”, diz Ana Elisia, marisqueira de Sergipe. *“Estudem com a gente e não apenas a gente”*, diz uma mulher com deficiência física, escutada na Clínica Feminista Antirracista Interseccional (CLIFAI/UFRGS), ambas, marisqueira e mulher com deficiência, numa roda de cuidado *online* entre grupos organizados de mulheres de Sergipe e de Porto Alegre, em outubro de 2024.

Estamos todas diante de uma carência universal de espaço a compartilhar e de terra habitável, e o trabalho para o progresso almeja nos tirar das nossas terras, nos furtar os vínculos ancestrais e tradicionais com um território, como um terreno prenhe de vida que vai aos poucos minguando pela ausência de gente terrestre, pela matança de manguezais e dos modos de vida tradicionais que ali ainda insistem, ‘atrapalhando’ o desenvolvimento, o progresso, a instalação de grandes empreendimentos petrolíferos e hoteleiros a devastar os viventes daquele povoado: águas, manguezais, árvores, mariscos, “peixes, pássaros, pessoas”<sup>15</sup>.

Peixes são iguais a pássaros/Só que cantam sem ruído/Som que não vai ser ouvido/Voam águas pelas águas/Nadadeiras como asas/Que deslizam entre nuvens/Peixes, pássaros, pessoas/Nos aquários, nas gaiolas/Pelas salas e sacadas/Afogados no destino/ De morrer como decoração das casas/Nós vivemos como peixes/Com a voz que nós calamos/Com essa paz que não achamos/Nós morremos como peixes/Com amor que não vivemos/Satisfeitos? mais ou menos/Todas as iscas que mordemos/Os anzóis atravessados/Nossos gritos abafados<sup>16</sup>.

Descobrimo-nos privadas de Terra e face à necessidade de mudar radicalmente nossos modos de vida, incluindo nossos modos de fazer ciência, produzir conhecimento, de habitar a cidade universitária. Cada uma de nós “se encontra, então, diante da seguinte questão: devemos continuar alimentando grandes sonhos de evasão ou começamos a buscar um território que seja habitável para nós e nossos filhos [e nossas filhas]. Ou bem negamos a existência do problema ou então *tentamos aterrar*” (Latour, 2020a, p. 14-15). Mas, como aterrar? Como (nos) aterrar para não mais aterrarmos os manguezais, cobrindo-os com cimento e asfalto? Como (nos) aterrar por meio de nossas atividades acadêmicas?

Se os “arquivos” de outros povos, tais como os originários e as comunidades tradicionais, suas cosmologias, atitudes, gestos, rituais, saberes eram considerados, e ainda tendem a sê-lo, como resíduos de antigos e arcaicos modos de vida superados pelo

---

<sup>15</sup> Inspiradas no álbum do mesmo nome de Mariana Aydar.

<sup>16</sup> Música intitulada Peixes, composição de Nenung, compondendo o álbum supracitado.

*front* da modernização, hoje, aqui no fim do mundo, suas práticas, as práticas das marisqueiras tornam-se caminhos para aprender a como sobreviver num futuro ainda mais catastrófico, que, para tais povos e comunidades, para elas, já chegou faz tempo, acirrando-se cada vez mais. Seus saberes agora concorrem, pesquisadores não têm mais o poder de desqualificá-los *a priori*. Seus modos de vida insurgem como pontos de sobrevivência em meio às ruínas desse espaço-tempo. Com tais modos de vida “tradicionais-arcaicos”, agora em retomada, o Terrestre insinua-se como:

[...] um Novo Mundo [...] que não se parece em nada com aqueles que os Modernos haviam ‘descoberto’, e que presumiam de saída estar despovoado. [...] Nesse Novo Mundo, o espírito moderno se sente em uma espécie de exílio. Ele precisará aprender a conviver com aqueles que, até então, considerava arcaicos, tradicionais, reacionários, ou simplesmente ‘locais’”. (Latour, 2020a, p. 54-55).

Parece-nos justo e indispensável “querer conservar, manter, garantir o pertencimento a uma terra, a um lugar, a um solo, a uma comunidade, a um meio, a um modo de vida, a uma profissão, a uma habilidade?” (Latour, 2020a, p. 25) – reconhecer esse pertencimento é justamente o que nos mantém capazes de registrar mais diferenças, mais pontos de vista, mais pontos de vida e, sobretudo, não reduzir sua quantidade. Registrar, manter, respeitar o maior número de possibilidades de pertencimento ao mundo é uma tarefa fundamental desses tempos, e pode se constituir em uma das atividades acadêmicas.

“Descobrimos, mais ou menos confusamente, que estamos todos migrando rumo a territórios a serem redescobertos e reocupados” (Latour, 2020a, p. 14), retomados (Stengers, 2023). *Se arrancarem as mangabeiras, arrancam a minha vida*, disse uma catadora de mangaba diante da destruição de seu território de mangabeiras centenárias para dar lugar a um empreendimento habitacional com o nome de, pasme, “Mangabeiras”. *As montanhas são nossas parentas*, disseram as mulheres mapuche do território da Wallmapu em intercâmbio com o Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS). *Meu pen-drive é minha vida; Se o mangue acabar, eu me acabo com ele*, diz Geonísia, nossa Nice, marisqueira de Sergipe.

O MMS coabita um mundo Terrestre, tramado nas ruínas desse espaço-tempo, o MMS ensina uma vida Terrestre, coabitada, dependente de vínculos entre humanos, mais que humanos, terra, vento e águas. O MMS articula mulheres e águas numa luta socioambiental que, para arar e afagar a terra, para lutar contra o cercamento das águas e

a monocultura da vida e do pensamento (Núñez, 2021), precisa minar entre as suas, entre nós, em nós, os desejos de progresso e desenvolvimento.

### **Aterrorar, enlameando, nossas atividades acadêmicas**

“Quando o Sol nascer o dia/ Eu levanto e saio bem cedo/ Catar maçunim, siri, aratu/ Pescado do bom e caranguejo”<sup>17</sup>. Elas cantam para não mais conter o grito. Como boas terrestres, conectam sol e mundo. *Ei, você conhece esse hino? É o hino das marisqueiras de Sergipe.* Na 7ª marcha das margaridas, a maior ação política protagonizada por mulheres do campo, da floresta e das águas da América Latina, em agosto de 2023, uma mulher pergunta e outra responde para mais algumas. “Traga a Bandeira de luta/ Deixa a Bandeira passar/ Essa é a nossa conduta/ Vamos unir para mudar<sup>18</sup>”. E assim elas caminham, elas movimentam, elas desaguam. Feito corda de caranguejo, criam elos, aqui e ali, miudinhos grandiosos. Elos-elas, feito rede, pescam gente.

Encantadoras não só de mariscos, uma maré de gente vai com elas. De repente, o “povo da mercadoria” (Kopenawa, 2020), vai sendo embalado por seus cantos em todos os cantos. Mulheres da academia, mulheres de outros movimentos sociais, hermanas latino-americanas, mulheres de norte a sul desse País. Nós nos encantamos com elas e seguimos juntas a sonhar com águas limpas e livres para nós peixinhas nos banharmos e nos deitarmos numa rede preguiçosa com águas de marola batendo em nossos pés, a descansar dessa labuta toda. Depois de tanta morte vivida, aproveitarmos nossas redes com sonhos de água cristalina para nossas crias. Sonhamos com chuvas para arar a terra e não para dizer: parem de acabar conosco! Sonhamos com chuvinhas que possam nos banhar como um bálsamo, a sairmos respirando o frescor do ar da maresia. Essa nossa terrinha, banhada por tantos rios, cercada por mangues, berçários de vida, é bem boa, e nela aterramos com as marisqueiras. Por esse solo, lutamos!

Dizem que somos das marisqueiras. É que já estamos nessa maré faz tempo. Na mariscada, na mariscagem, mais uma e outra e tantas outras, gentes das marisqueiras, juntas nessa maré: Movimento das Marisqueiras de Sergipe! Com sonhos-enxada em mãos, juntas, aramos a terra sergipana; com sonhos-varas em mãos, juntas, adentramos uma academia-mangue, mariscamos a academia, delineando terrenos de vida,

---

<sup>17</sup> Início do Hino do Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS).

<sup>18</sup> Um dos cantos das comunidades que o MMS aprendeu junto à Comissão Pastoral da Terra (CPT).

escavacamos um território habitável e com elas desejamos compartilhá-lo. Nossos laços são de bem-querer e bem-querências, cultivamos juntas um solo sergipano local-cosmopolítico onde, com os pés no chão, sentem-se os rumores, as tramas heterogênicas de múltiplas vozes e sons.

Assim, fomos, todas e cada uma de nós, nos tornando ouvidoras de sons e vozes de gente brasileira, sergipana, das mestras e mestres populares, de mulheres, de terrestres, sons da terra, das águas; ouvidoras de sons e vozes feministas, experimentando um feminismo que não separa a luta das mulheres da luta pelos desejos da Terra. Um feminismo transversalizante que abre rodas de conversação (Ribas, 2019) entre diferentes territórios e terrestres, entre universidade e comunidades; um feminismo que defende a moradia, as biorregiões, os territórios de vida, os direitos humanos, das mulheres, os direitos da terra e das águas, dos mais-outros-que-humanos.

Com o MMS (des)aprendemos um feminismo com potência (trans)formativa e transversal, constituído por saberes concretos, tradicionais, ancestrais, recuperados, retomados, refeitos, atualizados, acessíveis e corporalizados, insurgidos de nossos corpos e modos de vida em afetação. Entre nós, escambiamos saberes de resistência. Entre nós, constituímos espaços seguros de troca, espaços para nos experimentarmos, para pesquisar a si e nos colocar na linha de reinvenção (Ribas, 2019). Em luta por um mundo Terrestre, o MMS, esse movimento entre mulheres e águas salobras, águas salgadas e águas doces, conecta solo e mundo.

Do solo, herda a materialidade, a heterogeneidade, a espessura, a poeira, o húmus, a sucessão de camadas, os estratos, a surpreendente complexidade, a necessidade diligente de um acompanhamento minucioso. Este solo [...] não pode ser apropriado. Pertencemos a ele. Ele não pertence a ninguém. Mas o terrestre também herda o mundo, não sob a forma do Global [...] mas sob a outra forma ainda ativa do Globo, [...] que consiste no registro dos modos de existência que nos impedem que nos limitemos a uma única localidade que nos mantenhamos no interior de qualquer fronteira. O solo permite se vincular; o mundo, se desprender (Latour, 2020a, p. 112).

O MMS vincula mariscagem e educação, como acontecia *quando nós era criança com nossos pais debaixo da mangueira aqui no terreno* [visualize tudo arborizado, com brisa fresca e à beira de um rio tranquilo]; *papai acendia o fogo e assava o que nós mariscava, mamãe pegava a farinha e a gente comia tudo com água de coco, ouvindo os dois contarem as histórias dos antigos e de como um dia os grandes iam chegar para destruir os pequenos; é o que acontece hoje nessas terras*. Essas terras, em que ainda ecoam os saberes dos seus e das suas, é lugar de aterramento, conexão, pertencimento.

Lugar de saberes vivos e políticos, temperados pelo defumar da brasa, onde prevalece o bem comum e o bem viver.

Nessas terras de luta e resistência, desde a academia-mangue, entendemos que a aposta não pode ser na perda do sentimento de comunidade, “perda do sentimento de conexão e proximidade com o mundo além da academia” (hooks, 2021, p. 26). Escolhemos compor uma extensão universitária que se banha com saberes-lama, que não se desvincula da produção de um conhecimento localizado, situado, coletivo. Ficamos atentas ao compartilhamento e à confluência de saberes, pois aprendemos que “a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida” (Bispo, 2023, p. 4). Por aqui, o saber em rede rende!

Nossa ação extensionista constitui-se, assim, como espaço-tempo entre universidade e mulheres de comunidades tradicionais de Sergipe, especialmente, mulheres marisqueiras; entre saberes acadêmicos e populares; entre conhecimentos científicos e as questões do nosso tempo presente, as questões de nossa gente. Nossas ações de extensão configuram-se como um modo de derrubarmos as cercas do nosso fazer acadêmico, experimentando um protagonismo, uma autoria das mulheres acompanhadas, (des)aprendendo com elas modos de fazer política, modos de fazer ciência, modos de cuidar, modos tramados pelas vozes das mulheres acompanhadas (Matias; Vasconcelos; Oliveira, 2021). Nossas práticas extensionistas foram se distanciando do afã pedagógico transmissional, do desejo de capacitar ‘incapacitadas’, (com)fabulando rodas de conversação, espaços acêntricos de produção de conhecimento, comunidades de aprendizagens mútuas.

A academia-mangue compõe uma extensão universitária crítica aliada à educação popular e à pesquisa-intervenção, aproximando conhecimento e criação. Ela compromete-se com o fortalecimento socioambiental-político das mulheres marisqueiras, mas também permite confluir dados e denúncias, somar cânones e marisqueiras ancestrais, borrar notas e oralidades. Faz uma cuidadosa intervenção nos territórios, estabelece relação de crescimento mútuo e aprendizagem contínua, compromete-se com a transformação social, compartilha com a comunidade agendas e decisões, toma partido, demora-se na compreensão das condições de existência e dos problemas que enfrentam mulheres aterradas em suas águas, juntas (Cagnone; Lezica, 2023, p. 231). Enseja extensão, pesquisa, política e cuidado!

A aposta é numa perspectiva de pesquisa-intervenção no mangue que também é feminista. Mas, a academia-mangue não conduz um feminismo acadêmico empacotado e desconectado das lutas e saberes-lama construídos debaixo das mangueiras e à beira dos rios. Sabe que o feminismo não foi o resultado de esforços acadêmicos ou de institutos de pesquisas, mas sim que surge na rua, em grupamentos de mulheres que reúnem donas de casa, estudantes, mães, camponesas, indígenas, marisqueiras, professoras para “juntas, como mulheres, lutar contra a exploração e a opressão patriarcais” (Mies; Shiva, 2021, p. 99). É feminismo e luta! *É lutar ou sumir do mapa*, dizem as marisqueiras.

As marisqueiras ensinam que seus corpos são os primeiros alvos da expropriação e da violência no território, da “(re)patriarcalização dos territórios” (Aguilar, 2023). Nossa ação de pesquisa precisa, portanto, ter um lado, uma parcialidade consciente, uma condução interessada e, por vezes, utilitária dos dados produzidos. Elas ensinam ainda que o mangue é lugar de pisar miudinho, de respeito, de transversalidade entre as vidas. A pesquisa não pode se dar de outro modo, não deve verticalizar acadêmicas e marisqueiras, precisa colocar-se numa visão de baixo, fomentar a participação ativa de todas, a ponto da pesquisa “se tornar parte integral das lutas” (Mies; Shiva, 2021, p. 103). Corporificar essa agenda de pesquisa é, como elas mesmas dizem, habitar o mangue como espaço de *canto, alegria, cura, liberdade*, partilha das experiências de cada uma, coletivizando, politizando suas histórias, dores e alegrias.

Acompanhar essas mulheres nos mangues, nas manifestações, em suas casas, nos espaços coletivos de cata de mariscos, de filetagem do camarão, é compor uma metodologia andarilha, itinerante, que abra possibilidades formativas e de composição nas múltiplas funções que elas exercem. No *Observatório das mulheres*, essa itinerância foi nomeada por uma marisqueira da nossa equipe de *narratório* em uma das reuniões iniciais de planejamento. Quando questionada sobre o que ela associava com essa ideia, disse que *é um espaço de cuidado que escuta as histórias das mulheres e articula o que elas podem fazer, seja como movimento, como formação. Uma experiência em que a gente se percebe e também percebe a outra*. O narratório consiste em estar entre mulheres para afirmar um modo de (r)existir. Acolher a voz, o que se vê e sente, ter a própria narrativa reconhecida à medida que se é escutada. Escutar-se entre nós.

A pista do *narratório* articula-se com a nos dada por bell hooks (2019, p. 199) sobre como acompanhar o (sobre)viver de mulheres negras: a ênfase na voz. Escutar seria, assim, em alguma medida, apoiar mulheres reiteradamente silenciadas no processo de encontrarem a própria voz. “Achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias

experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar – achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos”. Contar-se, escutar-se é também um movimento de desaprender, desprendendo-se de todo um longo histórico de aprendizagens de gênero e de raça veiculadas pelo tecido cultural e reiteradas socialmente.

A academia-mangue é embalada pela cadência das marés dessas mulheres. Os conhecimentos são postos à prova nas intempéries dos problemas socioambientais que enfrentam. Os diferentes saberes são aqui requisitados sob o jugo de combater essa crise planetária, que também é existencial. Aguada, fluida, a academia-mangue vai e vem no elaborar de suas perguntas e redireciona as soluções possíveis por vias construídas com essas mulheres; aterra-se logo ali, na costa do mar ou na beirinha de um rio, suave, encantada pela dependência de humanas e mais que humanas, locais e de outros cantos latinos, multiplicando seus pontos de vida (Latour, 2020a).

### **Mariscagem e academia-mangue, terrenos de vida**

Você por acaso sabe de onde vêm, como se catam, quem cata, como se encanta os mariscos postos em sua mesa nos bares da Passarela de Caranguejo de Aracaju-Sergipe? Bruno Latour (2020a) assinala como um modo de aterrar as práticas acadêmicas por meio da pesquisa: a descrição de *terrenos de vida* tornados invisíveis, como é o caso do terreno feminino da mariscagem. Latour (2020a, p. 114), preferindo esse termo ao território tomado de assalto pelo Estado-mercado, define terrenos de vida como “aquilo de que um terrestre depende para sobreviver”.

Sua descrição passaria, assim, por perguntar-se “quais são os outros terrestres que se encontram sob a mesma dependência. É pouco provável que esse território coincida com uma unidade espacial, jurídica, administrativa ou geográfica” (Latour, 2020a, p. 114). Dessa maneira, definir um terreno de vida para um terrestre consiste em “listar aquilo de que ele precisa para sua subsistência, e, conseqüentemente, aquilo que ele está *pronto para defender*” (Latour, 2020a, p. 114). As marisqueiras defendem os mangues, estuários de muitas vidas, as águas livres, misturadas à lama berço de vida em decomposição e germinação. São assim terrestres guardiãs indispensáveis da vida de Sergipe.

Um território, ou melhor, um terreno de vida não se limita a um único tipo de agente; antes, é a composição entre agências, o coengendramento entre viventes, distantes

ou próximos, indispensáveis para a sobrevivência de um terrestre. Você poderia até viver sem comer mariscos, mas não sobreviveria muito tempo sem a força viva das águas e seus estuários de vida, os manguezais. A globalização, sob o feitiço mercadológico, tem nos privado de existir como povo. “É por falta de território que um povo acaba por faltar” (Latour, 2020a, p. 117). Existir como povo diz da capacidade de descrever seus territórios de vida, isso as marisqueiras fazem com maestria, elas nos ensinam, elas nos formam; transformam a nós “povos que faltam” sem mundo compartilhável, sem solo habitável e duradouro aos nossos pés. O ofício da mariscagem convida o ofício acadêmico para focar seus esforços na constituição de um povo Terrestre, ligado à Terra, embrenhado Nela, encantando por Ela, constituição mútua de seres e solo. “É chegada a hora, assim, de retomar em outras bases o movimento geo-social” (Costa, 2020, p. 145). “Aterrorar significa reconhecer os seres dos quais dependemos, descobrir quantos somos, com quem existimos e de que meios de subsistência podemos nos valer” (Latour, 2020a, p. 149).

Desde então, nosso território acadêmico é povoado com as marisqueiras, dependemos dela para fazer nossas práticas científicas ‘avançarem’ pela desaceleração (Stengers, 2023), funcionando em defesa da vida, do solo, das águas em (de)composição e compartilhamento. Com elas, seguimos mariscando a delicadeza e a miudeza de gestos e afetos-aberturas a desfazer formas de vida enlatadas feito sardinha industrializada. “Para que haja uma saída basta um diferencial de esperança que, no fim das contas, podemos definir como qualquer pequena inclinação da alma em direção àquilo que amplia nossa existência e, portanto, em direção à alegria” (Danowisk, 2022, p. 71). Talvez esse seja a maior força do MMS, a de polinizar com afetos alegres, a fazer vingar a alegria. E “a alegria de estar no mundo é o compartilhamento” (Krenak, 2019).

O mundo compartilhado do OPopVida emerge “tanto da cidade letrada quanto daquilo que nós conhecemos como natureza” (De La Cadena, 2024, p. 23). Trama radicular entre práticas, saberes, políticas e afetos. Espaço cultivador de redes, em que as redes se espraiam e ramificam. Espaço de (ex)tensão e expansão, em que os saberes populares se articulam com os acadêmicos não para saberem melhor, mas para saberem mais (La Cadena, 2024), ampliando sua capacidade de negociação, alcance e permanência. Espaço de confluência (Bispo, 2023) entre saberes e mundos que se conectam, mas não se sobrepõem. Saberes e mundos às vezes “incomensuráveis, mas que podem se comunicar”, não pela partilha de noções únicas, mas por meio de diferentes “formações ontoepistêmicas” (Cadena, 2024, p. 35-36), que, entremeadas, tramam, alargam entendimentos.

Nessa direção, tateamos a composição do comum entre mundos, ou do que se convencionou chamar de mundo comum, na companhia das marisqueiras e de seus saberes tradicionais, visibilizando-os, reconhecendo-os, disputando com a sana em nós de objetificar, elas e seus saberes. Com o OPopVida, fomos encontrando na universidade um local para um saber situado, em dívida com a existência das marisqueiras e dos mangues sergipanos, em dívida com suas/nossas questões de vida e de morte. Um saber situado por outros saberes, que não só os científicos (Stengers, 2023).

Cuidar do conhecer converte-se, assim, em prática política. A trama como extensão universitária tensiona forças políticas que compõem o conhecimento, aportando numa ética: o reconhecimento dos saberes populares, do ofício feminino da mariscagem, dessa constituição ontoepistêmica singular entremeada de mulher, mangue e águas doces, salgadas e salobras, algo que nutre outro mundo possível, outro mundo porvir com as raízes e as águas. E, assim, diante da copresença de diferentes composições de mundo, temos experimentado um fazer acadêmico que, mesmo cambaleando e correndo riscos, mantém presente a divergência.

Questão radical radicular: “a radicalidade é uma questão de raízes [...] questão do vivente e da terra” (Didi-Huberman; Benevides, 2020), em compartilhamentos. Pelejando com o Movimento de Mulheres Marisqueiras de Sergipe, desaguando no OPopVida, estamos a ensaiar nossas maneiras de fazer extensão, nossas maneiras de fazer ciência, nossas maneiras de fazer política, nossas maneiras de cuidar, nossas maneiras de (sobre)viver. Tudo se ramifica, aflora e volta a afundar; tudo se abre, se emaranha, se putrifica, germina.

Tudo pertence. Aceitemos, pois, o experimento do encontro” (Stengers, 2023, p. 17). É que “não existe cura para o pertencimento ao mundo. Mas pelo cuidado, é possível se curar da crença de que não se pertence ao mundo” (Latour, 2020b, p. 31). Sem pretender uma cura muito rápida, apreciemos a paisagem lamacenta; experimentemos, aos poucos, um percurso de cuidados, de estudos e de lutas, tomado como a arte de fazer uma vida pela tecitura de relações entre mundos, juntas, com alegria. Juntas, feito corda de caranguejo, criamos redes compartilhadas de cuidado e aprendizagem<sup>19</sup>, sempre situadas, não somente com nossos pares cientistas, não somente com humanos, geramos e escambiamos fazeres e saberes lamacentos, insistentes, insurgentes.

---

<sup>19</sup> Inspirando-nos na ideia de comunidades de aprendizagem da bell hooks (2019, 2020). A autora se guia pelo pensamento freiriano, movimentando as águas de uma educação vivenciada pela troca de conhecimentos e experiências, mobilizando afetos entre quem ensina e quem aprende.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Raquel Gutiérrez. Prefácio. *In*: HERNÁNDEZ, D.; JIMÉNEZ, M. (org.). **Corpos, territórios e feminismos**: compilação Latino-americana de Teorias, Metodologias e Práticas Políticas. Editora: Elefante, 2023. p. 15-27.
- BISPO, Nêgo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- BLASER, M. Uma outra cosmopolítica é possível? **R@U**, [s. l.], 10 (2), p.14-42, jul./dez. 2018.
- CAGNONE, Rosana; LEZICA, Lorena. Olhares e caminhadas coletivas: experiências de extensão rural e pesquisa-ação feminista. *In*: HERNÁNDEZ, D.; JIMÉNEZ, M. (org.). **Corpos, territórios e feminismos**: compilação latino-americana de teorias, metodologias e práticas políticas. São Paulo: Editora Elefante, 2023. p. 231-246.
- COSTA, Alyne. Aqui quem fala é da terra. *In*: LATOUR, B. **Onde aterrar?** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 135-157.
- DANOWISK, Déborah. Transformações perceptivas e afetivas na Idade da Terra. *In*: DANOWISK, Déborah; CASTRO, E.; SALDANHA, Rafael. **Os mil nomes de Gaia**: do Antropoceno à Idade da Terra. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022. p. 57-78.
- DE LA CADENA, Marisol. **Seres-terra**: cosmopolíticas em mundos andinos. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2024.
- DIDI-HUBERMAN, G; BENEVIDES, F. **Radical, radicular / revolver as imagens, por a terra em transe**. São Paulo: N-1 Edições, 2020. (Coleção pandemia Crítica). Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/25>. Acesso em: 9 set. 2024.
- FARIAS, Camila. Apesar de ataques ao meio ambiente, várias iniciativas em Sergipe propõem ações de resistência. **Cajueira**, [s. l.], 18 out. 2024. Disponível em: <https://redcajueira.com.br/apesar-de-ataques-ao-meio-ambiente-varias-iniciativas-em-sergipe-propoem-acoas-de-resistencia/>. Acesso em: 9 nov. 2024.
- GRÜN, M. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Campinas: Papirus, 2007.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. ed. rev. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.
- hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

- JAPIASSU, H. **Como nasceu a ciência moderna: e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2007.
- KOPENAWA, Davi. **Xawara: o ouro canibal e a queda do céu**. Coleção pandemia Crítica. N-1 Edições, São Paulo. 2020. (Entrevista originalmente concedida à revista povos indígenas no Brasil em 1990). Disponível em: Pandemia Crítica 115 - Xawara - O ouro canibal e a queda do céu - N-1 edições (n-1edicoes.org). Acesso em: 9 set. 2024.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do Bem Viver**. 2020. Disponível em [www.culturadobemviver.org](http://www.culturadobemviver.org). Acesso em: 9 set. 2024.
- KRENAK, Ailton. **Um rio, um pássaro**. Rio de Janeiro: Dante Editora, 2023.
- LATOUR, B. **Onde aterrar?** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020a.
- LATOUR, B. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno**. Rio de Janeiro: Ubu Editora, 2020b.
- LATOUR, B. Como ter certeza de que Gaia não é uma deusa. *In*: DANOWISK, Déborah; CASTRO, E.; SALDANHA, Rafael. **Os mil nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022. p. 31-56.
- MATIAS, Alma Rô; VASCONCELOS, Michele; OLIVEIRA, Sandra Raquel. Pode a diferença existir nas entranhas de sua própria aniquilação? Mulher, Mangles e Movimentos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 7, N. 1 - p. 210-231 janeiro-abril de 2021: “Pedagogias Vitais: Corpo, Desejo e Educação”. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/53923>. Acesso em: 9 set. 2024.
- MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.
- NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. **Revista ClimaCom**, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021.
- RIBAS, Cristina. **Feminismos bastardos. Feminismos tardios**. São Paulo: N-1 edições. 2019.
- STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2023.
- VASCONCELOS, Michele; LAZZAROTTO, Gislei; PAULON, Simone; OLIVEIRA, Sandra. Costura político-clínica por um cuidado feminista: relato de experiência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 1752–1773, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/71782>. Acesso em: 9 set. 2024.